



“EM BUSCA DE UMA BOA GOVERNANÇA DA ÁGUA”

Profa. Dra. Larissa de Lima Trindade¹

larissa.trindade@uffs.edu.br

É com muita alegria e entusiasmo que escrevo a convite dos estudantes do Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó para a "Coluna Livre" da 6ª Edição do Jornal Geográfico. No mês em que comemoramos o dia Mundial do Meio Ambiente não poderia ser diferente nosso assunto ser água, em especial, a governança deste recurso tão essencial as nossas vidas.

Devido a sua abundância e capacidade de renovação através do ciclo hidrológico, a água sempre foi considerada como um recurso infinito, porém o debate sobre o seu uso sustentável ganhou mais espaço no cenário mundial, especialmente devido às disparidades qualitativas e quantitativas encontradas ao longo globo terrestre. Globalmente a água potável - aquela disponível para

consumo é bastante restrita, cerca de 97,61% da água total do planeta é

proveniente das águas dos oceanos; as calotas polares e geleiras representam 2,08%, já a água subterrânea 0,29%, somente 0,009% da água doce é encontrada em lagos e 0,00009% em rios, o restante ou é água salgada encontrada em lago, ou água misturada no solo ou encontrada na forma de vapor d'água na atmosfera. Ou seja, apenas 2,4% da água é doce, porém somente 0,02% está disponível em lagos e rios que abastecem as cidades e pode ser consumida (WETZEL, 1983). Desse restrito percentual, uma grande parcela encontra-se poluída, diminuindo ainda mais as reservas disponíveis e por isso que se discute muito que a crise hídrica é também uma crise de gestão destes recursos e que exige dos nossos governantes e da sociedade como um todo uma boa governança destes recursos.

No Brasil, para piorar, a distribuição hídrica é bastante desigual, regiões como a Bacia do Amazônia e do Araguaia onde o contingente populacional é bem menor (6,5% da população) encontramos maior disponibilidade (80% da

disponibilidade), já em grandes centros do Nordeste, Sudeste e Sul encontramos o inverso, muita gente para pouca disponibilidade. Somado a isso, temos ainda fatores como: problemas de vazamento no sistema distribuição - estima-se que 30% da água distribuída seja perdida; sistema clandestinos, problemas de poluição, ocasionadas pela ausência de saneamento básico e coleta seletiva, além, é claro, do efeito das mudanças climáticas.

Logo, pensar e operacionalizar a gestão e conservação deste recurso é fundamental e assim o Brasil o fez por meio da Lei nº 9.433 de 8 de janeiro de 1997, mais conhecida como "Lei das Águas" que cria a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) cujo caráter descentralizador e participativo apresentam destaque na gestão. A partir da PNRH foram instituídos os comitês de gerenciamento de bacias hidrográficas (CBH), órgãos colegiados que tem como papel primordial a tomada de decisões nos âmbitos de cada bacia hidrográfica, esses CBH são compostos por três segmentos de paridade de voto: poder público, usuários e sociedade civil organizadas, como previsto em Lei.

Compete, primordialmente, a esses órgãos aprovar e orientar a elaboração de planos de recursos hídricos, assim como sugerir providências necessárias para os cumprimentos das metas, arbitrar em primeira instância administrativa os conflitos relacionados aos recursos hídricos no território da bacia e estabelecer os mecanismos de cobrança pelo uso desse recurso. Neste sentido, destaca-se o papel dos CBH como

arranjos de governança local da água, uma vez que cabe a este órgão aprovar, gerenciar e acompanhar ações que reflitam no melhor gerenciamento dos recursos hídricos nas suas bacias hidrográficas.

A governança é um processo que circunda diversas instituições, categorias de atores e inter-relações que manifesta interesses específicos com possibilidade de negociação, expondo interesses da coletividade com predomínio no bem comum. A governança não possui um conceito transparente e nem um modelo ideal, e depende do contexto social, cultural, ambiental, econômico, político e institucional. Trata-se do exercício deliberado e contínuo de práticas cujo foco está nas relações entre estados, sociedade civil e agentes econômicos, ou seja, são ações focadas a provocar e promover espaços de participação social (RIBEIRO; JOHNSON, 2018).

Salienta-se que a diferença entre governança da água e gestão da água é que a governança é o conjunto de processos e instituições que definem e identificam quais são as metas de gestão a serem perseguidas. Já a gestão trata dos mecanismos e medidas práticas utilizadas para atingirem as metas traçadas e, portanto, atingir melhores resultados. Desta forma, a governança da água fornece a estrutura para decidir quais serão as atividades de gestão dos recursos hídricos que serão implementadas.

Neste sentido, é que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - (OCDE, 2011), a partir de estudos sobre a

governança da água e suas falhas em trinta países (incluindo o Brasil), elaborou um Quadro de Governança Multinível da Água (FIGURA 1), que visa diagnosticar e superar as falhas envolvidas no processo de governança da água. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2015a, p. 62), a Governança Multinível da Água é : [...] o compartilhamento, explícito ou implícito, da responsabilidade pela atribuição de formular e implementar as políticas de recursos hídricos pelos diferentes níveis administrativos e territoriais”. A partir da OCDE (2011), acredita-se que os governos que compartilham responsabilidades na formulação e implantação de políticas públicas, independentemente das características institucionais e organização do setor de recursos hídricos, enfrentam, em maior ou menor grau, sete categorias de lacunas no gerenciamento de recursos hídricos que precisam ser diagnosticadas e reparadas, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Quadro de Governança Multinível da Água



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2011).

Conforme demonstra a Figura 1, é fundamental na gestão da água que cada uma destas lacunas seja corretamente diagnosticada e suas falhas preenchidas. A lacuna administrativa da governança da água, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2011), refere-se aos limites administrativos de cada ente no gerenciamento hídrico, à ausência de clareza de suas atribuições e, muitas vezes, à incompatibilidade de gerenciamento entre os limites administrativos, e os limites hidrológicos levam muitos municípios, regiões, estados, agências e órgãos estaduais a não cooperarem ou a não participarem no gerenciamento hídrico.

No Brasil, este problema é ainda mais evidente devido ao duplo domínio e jurisdição sobre os rios estaduais e federais. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2015), é preciso compatibilizar os limites administrativos e as fronteiras das bacias hidrográficas, tendo em vista

que os impactos que acontecem em uma bacia refletem nas demais. Neste sentido, destaca-se o papel dos CBH como mecanismos para coordenar e auxiliar a preencher esta “lacuna administrativa”, tendo em vista que os planos de bacias devem refletir políticas locais e integradas, portanto, é essencial que estes planos sejam efetivamente implantados.

A lacuna de política, refere-se a fragmentação das tarefas relacionadas à água entre os ministérios e órgãos públicos em nível nacional e entre autoridades locais e regionais do nível subnacional, o que resulta, especialmente no Brasil, em políticas públicas fragmentadas e desconexas; são exemplos desta realidade a política de gestão dos recursos hídricos e a política de uso e ocupação do solo, e o mesmo problema ocorre com a política de saneamento básico. Neste sentido, faz-se necessário um planejamento integrado entre os ministérios e os níveis de governo, no intuito, principalmente, de transpor as inconsistências e minimizar as contradições nestas legislações.

A lacuna de financiamento diz respeito ao descompasso financeiro, entre os ingressos de recursos financeiros e os dispêndios no setor hídrico. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2015), o valor necessário de recursos financeiros até 2033 para serviços de água e esgoto pode vir a representar 5,2% do PIB Brasileiro. Sem uma estimativa de financiamento e compromissos estáveis de longo prazo, a política de recursos hídricos

não poderá ser implementada com êxito. É importante maximizar os recursos disponíveis e atrair financiamento adicional, o que requer acordos entre governos federal, estaduais e municipais. Além disso, é preciso assegurar que os fundos sejam gastos de modo otimizado. De outra forma, o gasto inadequado não apenas prejudicará a implementação, mas também coloca em risco a realização das metas de crescimento e bem-estar.

Salienta-se que a aplicação do instrumento de cobrança pelo uso da água pode auxiliar a superar esta lacuna, no entanto, é importante que este instrumento seja bem implantado, avaliado e que seus resultados possam ser efetivamente aplicados na gestão hídrica local. Incapacidade técnica, científica e de infraestrutura para formular e implementar as políticas de recursos hídricos compõem a “lacuna de capacitação”, especialmente, em países que descentralizaram sua gestão. Para Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2015a, p. 77), a descentralização da gestão de recursos hídricos no Brasil é um “[...] assunto inacabado, tendo em vista que as responsabilidades foram transferidas de direito, mas não conseguiram ser implantadas de fato.” Capacitar tecnicamente, cientificamente e com infraestrutura adequada, especialmente, as instituições estaduais e locais, é essencial para a consolidação da PNRH Brasileira.

Já a lacuna de objetivo ocorre quando existem objetivos

divergentes, entre os níveis de governo e órgãos públicos, que comprometem os objetivos de longo prazo da política de recursos hídricos. A descontinuidade das políticas públicas, devido à alternância dos governos, agrava ainda mais esta lacuna. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2011), uma estratégia para minimizar este problema é trabalhar na perspectiva de construir consenso em torno das condições dos recursos hídricos, mobilizando a sociedade e profissionais especializados no assunto, independentemente de sua preferência política.

A sexta lacuna proposta pela OCDE (2011) refere-se à de responsabilidade e diz respeito à falta de transparência e abrangência na elaboração das políticas voltadas aos recursos hídricos. A falta de conscientização dos cidadãos acerca dos riscos e custos da água no Brasil é um sinal de uma lacuna de responsabilidade. Em algum momento, isso poderia ser interpretado como a “armadilha escondida nos bastidores” que muitas vezes afeta os recursos hídricos como política pública. Os políticos e os cidadãos são sensíveis às consequências da gestão hídrica “ruim”, mas tendem a enxergar isso de um mero ponto de vista setorial, em termos de consequências. Por exemplo, a falta de água para produzir alimentos é um ‘problema alimentar’; a falta de água para produzir energia é um ‘problema energético’; a falta de água para as necessidades econômicas é um

‘problema econômico’; entre outros. Embora a comunidade de recursos hídricos possa ter uma visão clara sobre essas ligações e como resolvê-las, para a maioria das pessoas (e para os tomadores de decisão) é preciso um esforço muito maior para entender o que de certa forma está por trás destas decisões.

No Brasil, uma alternativa para reduzir esta lacuna foi proposta pela ANA em 2011, a partir da criação do Pacto Nacional pela Gestão das Águas. Este Pacto representa um instrumento para melhorar a integração entre os sistemas de recursos hídricos nacionais e estaduais, e visa reduzir as discrepâncias regionais de governança da água, por meio da criação de metas de gestão, que, se atendidas, resultam no repasse de recursos financeiros aos estados (OCDE, 2015). Todos os estados brasileiros assinaram este Pacto e estabeleceram metas de gestão que devem ser atingidas em cinco anos, a contar da data de assinatura do decreto que institui o Pacto entre o estado e a União.

Por fim, a lacuna de informação refere-se à ausência ou assimetria de informação entre os níveis de governo, órgãos públicos e atores locais envolvidos na política de recursos hídricos. Esta lacuna resulta, principalmente, na dificuldade de promover melhorias nas políticas públicas e é fruto da incapacidade técnica, de infraestrutura, administrativa e científica das instituições e dos gestores públicos nesta área, conforme já discutido na lacuna de capacitação. Observa-se que

a ausência de compartilhamento e acompanhamento das informações obtidas resulta em discrepância de informações, o que ocorre muito nos bancos de dados sobre informações hídricas nos níveis federal e estadual, e prejudica significativamente o avanço dos sistemas de gerenciamento hídrico.

No geral, os governos estaduais tendem a ter mais informações que os governos nacionais sobre as realidades, necessidades e custos locais de cada bacia hidrográfica; neste caso, a menos que eles gerem e publiquem estas informações em tempo oportuno e em nível central, prevalecerá a lacuna de informação. Desta forma, cabe ao governo central (União) desempenhar um papel de gestor da informação, exigindo que os governos estaduais repassem as informações para que sejam parte de um banco de dados nacional e que realmente reflita a realidade de cada bacia hidrográfica. Observa-se que as informações também podem ser usadas para identificar as necessidades de capacitação, e, mais uma vez, verifica-se a relação de dependência mútua das “lacunas”, em que uma pode desencadear a outra e ao mesmo tempo o preenchimento de uma pode resultar no melhoramento da outra.

Desta forma, por acreditar neste modelo de análise da governança das águas - que apesar de não ser o único caminho, tem se apresentando como um dos caminhos viáveis para melhorarmos o processo de governança que se consolida em cada país é que tenho centrado minhas pesquisas, especialmente no

modelo descentralizado e participativo que se objetiva a partir dos comitês de bacias hidrográficas (para consulta ler: TRINDADE E SCHEIBE, 2019; TRINDADE, SCHEIBE, RIBEIRO, 2018). Compreender o papel da governança da água na implementação da gestão integrada dos recursos hídricos tem sido um desafio salutar no Brasil, que exige que sejamos capazes de envolver diferentes níveis de governo, sociedade civil, usuários de água, empresas e o mais alargado leque de partes interessadas que tenham um papel importante a desempenhar ao lado dos decisores políticos para que se colham os benefícios econômicos, sociais e ambientais de uma boa governança da água, como se espera.

REFERÊNCIAS:

TRINDADE, Larissa de Lima; SCHEIBE, Luiz Fernando. Water Management: constraints to and contributions of brazilian watershed management committees. *Ambiente & Sociedade*, [s.l.], v. 22, p. 1-20, 2019. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc20160267r2vu2019l2ao>. Acesso em: 6 de jun. de 2020.

TRINDADE, Larissa de Lima; SCHEIBE, Luiz Fernando; RIBEIRO, Wagner Costa. A governança da água: o caso dos comitês dos rios Chapecó e Irani - SC. *Geosul*, [s.l.], v. 33, n. 68, p. 36-57, 19 set. 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2177-5230.2018v33n68p36>. Acesso em: 6 de junh. de 2020.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. *Water Governance in OECD Countries: A Multi-level Approach*. Paris: OECD Publishing, Paris, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264119284-en>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. *Governança dos Recursos Hídricos no Brasil*. Paris: OECD Publishing, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264238169-pt>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

RIBEIRO, Natalia Barbosa; JOHNSSON, Rosa Maria Formiga. Discussões sobre governança da água: tendências e caminhos comuns. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 21, p. 1-22, 2018.

WETZEL, Robert G. Recommendations for future research on periphyton. In: Wetzel R.G. (eds) *Periphyton of Freshwater Ecosystems. Developments in Hydrobiology*, vol 17. Springer, Dordrecht. 1983.

1 Professora Adjunta do Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul.- Campus Chapecó, Líder do Grupo de Pesquisa Gestão de Operações & Sustentabilidade. Coordenadora do Projeto fomentado pelo CNPQ intitulado: "Governança da Água em Santa Catarina". E-mail: larissa.trindade@uffs.edu.br

INFORMES GERAIS

ASSEMBLEIA ORDINÁRIA DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA 02 DE JULHO DE 2020



A Coordenadora Geral do Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro, no uso de suas atribuições regimentais, convoca uma Assembleia Ordinária dos estudantes do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus* Chapecó, para o dia **01º de julho de 2020 (quarta-feira), às 19h, via Skype. (PS: A ASSEMBLEIA FOI ADIADA PARA 02/07/2020, MESMO HORÁRIO E LINK.**

Salientamos que nesta Assembleia iremos debater questões sensíveis, e que podem mudar o rumo das ações em nosso curso neste momento de pandemia, então para além da extrema importância da participação da maior quantidade de estudantes possível, precisamos saber qual o seu posicionamento com urgência.

LINK DA REUNIÃO:

<https://join.skype.com/qYsATVaguiT0>

Pautas

- Prestação de contas semestral da Diretoria Executiva do CAGET (2020.1);
- Posicionamento dos estudantes do curso em relação a manutenção da suspensão das atividades de ensino, ou adesão a modalidade EAD (Participação do Coordenador do curso Dr. Willian Zanetti);
- Possibilidade de adesão à modalidade EAD para casos específicos (possíveis formandos);
- Informes Gerais

Dúvidas, estamos à disposição.

Att. *Diretoria do CAGET*

ABERTO O PRAZO DE INSCRIÇÕES PARA O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO CURSO DE GEOGRAFIA

Residência Pedagógica "Núcleo Geografia", contará com a oferta de 16 vagas para bolsistas de estudo no valor de R\$ 400,00. Se você já cumpriu 50% do Curso de Graduação em Geografia Licenciatura, está matriculado ou pretende se matricular nos componentes de Estágio Curricular Supervisionado I, II ou III no próximo semestre, você está em condições de participar do Programa de Residência Pedagógica do Núcleo Geografia. A referida bolsa poderá ser paga por 6, 12 e até por 18 meses - desde que cumprido os planos de trabalho, Trabalhador assalariado também poderá participar.

Edital de seleção discentes para o Residência Pedagógica - inscrições de 22/06 a 03/07/2020.

O mesmo pode ser acessado por meio do link: <https://www.mgm.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/prograd/2020-0018>

As inscrições serão realizadas pelo Moodle acadêmico, no link: <https://moodle-academico.uffs.edu.br/course/view.php?id=19572>



ABERTO O PRAZO DE INSCRIÇÕES DO PIBID

PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é uma iniciativa que visa melhorar e valorizar a formação de professores para a educação básica. O programa oferece bolsas em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

Ao realizar sua inscrição no PIBID, atente ao passo a passo:

- Cadastrar currículo em eb.capes.gov.br;
- Gerar currículo em PDF;
- Baixar histórico escolar no endereço: <https://aluno.uffs.edu.br/aluno/restrito/academicos/atestados.xhtml>;
- Preencher formulário de inscrição (Anexo I);
- Salvar Anexo I em formato PDF;
- Preencher carta de intenções (Anexo II);
- Salvar Anexo II em formato PDF;
- Salvar cópia do RG e CPF em PDF;
- Acessar o moodle acadêmico (<https://moodle-academico.uffs.edu.br/course/view.php?id=19571>);
- Localizar e abrir a tarefa (inscrição) relativa ao curso que possui matrícula;
- Postar a documentação solicitada;
- Enviar tarefa (inscrição) em definitivo.

Caso já tenha submetido sua inscrição, revise a mesma no Moodle. Se não atender aos requisitos, você poderá revisá-la até 03/07/2020.

COLUNA LIVRE

DIA DO ORGULHO LGBTQI+: LUTAS, CONQUISTAS E RESISTÊNCIAS

União Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

UNA LGBT - Fração Chapecó (SC)

Gestão 2019-2022

Contato: unalgbtchapeco@gmail.com

28 de Junho é o dia Internacional do Orgulho LGBTQI+. A palavra orgulho é usada para definir o sentimento pelo o que somos, pelas nossas lutas, manifestações e resistências, mas também para referir-se ao orgulho que sentimos pelo nosso próprio corpo, representação da existência, que muitas vezes é alvo de abuso, agressão e discriminação.

Este dia, especificamente a partir de 1969, passou a ser marca de uma série de manifestações contra os abusos da polícia de Nova York, que aconteciam em um bar chamado Stonewall Inn. Essa rebelião marcou um ciclo de lutas pelos direitos da população LGBTQI+.

Para contextualizar a nossa luta e resistência é importante se referir a alguns dados estatísticos. Os dados possibilitam acompanhar a preocupante evolução e agravamento da LGBTfobia ao longo dos anos. Segundo o Relatório Anual de Mortes Violentas, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), aponta que no Brasil, em 2019, 329 LGBTQI+ tiveram morte violenta no país, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%).

Ainda, de acordo com o Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBTQI+ (2019), entre o ano de 2000 a 2019, o número de mortes violentas de LGBTQI+ no Brasil chegou a triste estatística de 4.809 cidadãs e cidadãos brasileiros que foram vítimas mortais da intolerância, ódio e descaso das autoridades que poderiam ter construído ao longo desse período, políticas públicas de enfrentamento e contenção.

4º Parada de Luta LGBTQ+ do Oeste Catarinense, realizada no dia 16 de junho de 2019 em Chapecó - SC



Autoria: Fábio Lange, 2019.

Por isso, se estruturam entidades como a UNA LGBT, a qual, de acordo com

a sua Carta de Princípios, realiza ações com o objetivo de enfrentar o machismo, a lesbofobia, homofobia, bifobia e transfobia em todas as suas formas de manifestação, que impedem o usufruto pleno dos direitos de cidadania de pessoas com diferentes orientações sexuais e identidade de gênero; enfrentar todas as formas de discriminação de gênero, principalmente aquelas que afetem mulheres lésbicas, travestis e transexuais; defender intransigentemente a livre orientação sexual e às diferentes identidades de gênero; desmistificar os padrões construídos e naturalizados na sociedade e apresentar à população LGBTQI+ e a população em geral um novo modelo de sociedade solidária, equânime, igualitária e livre de opressões.

Lutamos, resistimos e insistimos na urgência de ações governamentais com vistas a reverter o quadro atual de violência e discriminação contra homossexuais, bissexuais e transexuais no Brasil. É preciso que as políticas públicas na área da saúde, direitos humanos e educação, que já foram pesquisadas e construídas, sejam colocadas em prática, para que de fato proporcionem igualdade de cidadania à comunidade LGBTQI+ e possam contribuir para a erradicação das mortes.

É indispensável o cumprimento rigoroso das leis aprovadas, garantindo a cidadania plena da população LGBTQI+, sobretudo no reconhecimento do casamento homoafetivo e a equiparação da homofobia e transfobia ao crime de racismo. Necessária também uma educação sexual e de gênero para ensinar as crianças, os jovens e população em geral sobre o respeito aos direitos

humanos e cidadania da população LGBTQI+. **É um direito amar e ser livre!**

4º Parada de Luta LGBTQI+ do Oeste Catarinense, realizada no dia 16 de junho de 2019 em Chapecó - SC



Autoria: Fábio Lange, 2019.

Historicamente, as lutas da comunidade LGBTQI+ também trouxeram conquistas, uma delas, evento mais memorável de 2019, no campo da cidadania LGBTQI+ foi a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), ao votar a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO 26), quando equiparou a homofobia ao racismo, dando a este segmento tão excluído o refrigério da proteção da lei, em meio a uma sociedade ainda marcadamente machista e heteronormativa.

Em 2020, foi oficialmente regularizada a doação de sangue por pessoas LGBTQI+. No dia 08 de maio de 2020, o Supremo Tribunal Federal decidiu que a histórica restrição a doação de sangue por homens gays e mulheres travestis e transexuais no país é inconstitucional. Há anos a população LGBTQI+ luta e aguarda por esta decisão. A doação de sangue é uma forma de usufruir desse direito e mostrar para a

sociedade que sangue LGBTQI+ também salva vidas.

Nós, pessoas LGBTQI+, sabemos que somos livres à medida que lutamos, sabemos que a escassa liberdade que possuímos é fruto da nossa resistência histórica. Em Chapecó nós somos orgulhosos de protagonizar a Parada de Luta LGBTQ+ do Oeste Catarinense em suas quatro edições. Nós existimos porque resistimos e na resistência construímos a nossa liberdade. Convidamos todas as pessoas interessadas para lutar por um mundo

sem opressões a vir conosco e ajudar a construir a UNA.

REFERÊNCIAS:

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia / José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

UNIÃO NACIONAL LGBT. Carta de Princípios UNA LGBT, 14 out. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/unalgbt/posts/105697777646994/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

4º Parada de Luta LGBTQ+ do Oeste Catarinense, realizada no dia 16 de junho de 2019 em Chapecó - SC



Autoria: Fábio Lange, 2019

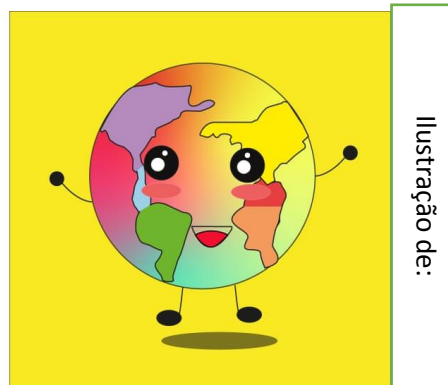


Ilustração de:

DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

O Diretório Central das e dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, compreendendo a importância do Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+, que foi comemorado no dia 28 do mês de junho, organizou uma semana dedicada a esta data.

É importante destacar que a data marca um episódio ocorrido no Bar Stonewall Inn, em Nova Iorque no ano de 1969, onde aconteceu a Rebelião de Stonewall, em que policiais resolveram invadir o bar e prenderam vários frequentadores, em especial travestis e drag queens. Diante do ocorrido, nos 5 dias seguintes, os frequentadores se reuniram na frente do Stonewall para protestar contra a violência a comunidade LGBTQI+. Assim nasceu o Mês e o Dia Internacional do Orgulho LGBTQI+.

Para lembrar essa data, na página do Instagram do DCE, houveram publicações relacionadas ao assunto, com textos e imagens e a divulgação de um template que

serviu como fundo temático, no qual, os interessados repostaram a publicação com uma fotografia pessoal, se manifestando virtualmente. Para discussão dessa temática, no dia 30 de junho o DCE organizou uma Roda de Conversa com o tema “Experiências, conquistas e lutas do meio LGBTQI+”.

O DCE também lançou uma ação intitulada #DCEindica, que pretende trazer quinzenalmente indicação de filmes, séries e documentários. A primeira publicação da ação foi a indicação de um filme sobre a temática LGBTQI+. Como forma de interação com todos os membros da UFFS, disponibilizamos no Instagram um formulário online que pode ser preenchido com indicações de filmes, séries e documentários para serem sugeridos nas nossas redes sociais.

Diretório Central dos Estudantes - Gestão Da Unidade Nascerá a Esperança.

ANÚNCIOS

	<p><i>Trancista e maquiadora</i></p> <p> @bm_maqui</p> <p> (49)9 8828 1999</p> <p> Chapecó, SC</p>	<p>TRUFAS ARTESANAIS</p> <p><i>Shara Trufas</i></p> <p>contato: (49)99947-3453</p> <p>*trufas artesanais;</p> <p>*chocolate de qualidade;</p> <p>*ótimo preço.</p>	<p><i>Atayde Photo</i></p> <p>"Guardando os momentos com toda sua emoção e revivendo com toda intensidade"</p> <p> @ATAYDE_PHOTO</p> <p> 49 9 91255461</p>
<p>LIVROS USADOS E NOVOS EM CHAPECÓ</p> <p>VENDA - COMPRA - TROCA</p> <p> Entregamos em qualquer local de Chapecó</p> <p> Sebo Capim Guiné sebo_capim_guine</p> <p> (49) 9 9941-2517</p>	<p>Gerson Jr. Naibo</p> <p><i>Maquiagens & Consultorias de Beleza</i></p> <p>Não espere mais e agende já o seu atendimento</p> <p> (49) 98889-3172</p> <p> @gersonjuniornaibo</p>	<p>PLANTAS ORNAMENTAIS</p> <p> @plantas_ornamentais_solar</p> <p> (47) 98479-5019 Eduardo</p> <p> (27) 99652-0022 Felipe</p>	

PESQUISA CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

O LUGAR COMO APORTE PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO: UM ESTUDO COM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO INOVADOR DE CHAPECÓ

Eduardo Cesar da Costa

eduardocesarcontato@gmail.com

Acadêmico do curso de graduação em Geografia, Licenciatura
Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó
Bolsista de Iniciação Científica - UFFS

O projeto de pesquisa “Investigar o Lugar para compreender o mundo: um estudo com a Escola de Ensino Médio”, é institucionalizado e financiado pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó - SC, por meio do Edital nº 459/GR/UFFS/2019. Além do autor deste texto, e da orientadora de IC e Coordenadora do Projeto Dr^a Adriana Maria Andreis, participam mais três acadêmicos, como voluntários no projeto. O projeto segue as diretrizes do *Projeto Internacional Nós Propomos!*, que é coordenado pelo Instituto de Geografia Ordenamento Territorial (IGOT) da Universidade de Lisboa (UL), e busca por meio do ensino da pesquisa, aos estudantes do ensino médio, prospectar problemas do lugar e propor possíveis soluções para os mesmos, para assim compreender o mundo.

Deste modo, o projeto possui uma parceria com a Escola de Educação Básica Tancredo de Almeida Neves, uma escola da rede estadual de ensino de Santa Catarina, localizado no município de Chapecó-SC. A parceria com a escola compreende a realização de atividades e estratégias interativas em conjunto com o corpo docente, a gestão escolar, e os estudantes de uma turma de Ensino Médio Inovador (EMI). Compreendem estas atividades, o trabalho de campo no entorno da escola, a coleta de informações por meio de um

questionário on-line, a prospecção de problemas do lugar dos estudantes, e a pesquisa, com vistas a propor possíveis soluções a estes problemas.

O projeto está em curso, e realizaram-se atividades presenciais com os estudantes de outubro a dezembro de 2019. Estavam previstas atividades presenciais para a continuidade do projeto com a escola para 2020, mas as atividades com as turmas de EMI tiveram que ser paralisadas devido a pandemia de COVID-19. Atualmente o projeto encontra-se em fase de elaborações textuais e pesquisas bibliográficas, com base nas informações já obtidas com as atividades desenvolvidas em 2019.



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-fCb6l-Wqi7Q/VFbvBWWWNhI/AAAAAAADlo/uZVHdnmtZa0/s1600/163566_124973

PESQUISA CIENTÍFICA NA PÓS-GRADUAÇÃO

A RELAÇÃO DAS DOENÇAS RESPIRATÓRIAS E ELEMENTOS CLIMÁTICOS EM CHAPECÓ – SC NOS ANOS 2008 A 2019

Eduarda Rebelatto Brandalise

brandalise.duda@gmail.com

Universidade Federal da Fronteira Sul

Bolsista da Fundação Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina- FAPESC

A busca em compreender a relação do clima com a saúde, se dá através do ser humano estar em constante contato com os elementos climáticos da atmosfera. Concedemos uma grande responsabilidade de muitas indisposições e enfermidades que nos cercam para o clima e o tempo, seja pelo calor que muitas vezes causa mal-estar, dores de cabeça e pressão baixa, pelo excesso de chuva e umidade que, geralmente são responsáveis pela incidência de doenças como gripe e outras respiratórias. Além de afetar práticas diárias das atividades humanas, tais como, a maneira como decide se vestir e se alimentar, além da necessidade de oxigênio para nossa sobrevivência.

A Geografia da Saúde ligada a Climatologia Geográfica propõe estudar a relação entre as alterações na saúde do ser humano e as dinâmicas climáticas. No contexto dos registros de internações por doenças do aparelho respiratório (DAR), temos a presença da climatologia, uma vez que os elementos climáticos possuem uma interferência e relação com os seres humanos no seu cotidiano.

Atualmente, as DAR, podem ser originadas por fatores naturais ou antrópicos. Entre as influências por meio antrópico, podemos destacar a poluição do

ar, tabagismo, produtos químicos, má nutrição, etc. E entre as de cunho natural, podemos citar as mudanças climáticas, poeiras, pólenes, etc.

As DAR representam maior percentual de internações mórbidas de crianças, jovens, adultos e idosos. No Brasil, a morbidade hospitalar por doença respiratória corresponde por cerca de 11,44% das internações do ano de 2008 à 2019, sendo a segunda maior causa de internações, ficando atrás apenas das internações por gravidez, parto e puerpério, com 20,97% (DATASUS, 2020). No município de Chapecó-SC, as DAR situam-se em terceiro lugar representando 12,38% dos registros de internações, sendo considerada em primeiro lugar gravidez, parto e puerpério (19,50%) e em segundo, lesões envenenamento por causas externas (13,36%) (DATASUS, 2020).

Neste sentido e com intuito de contribuir para os estudos em clima e saúde, a pesquisa tem como propósito investigar as relações entre os registros de internações por DAR e elementos climáticos no município de Chapecó-SC nos anos 2008 a 2019. A pesquisa está sob orientação do Prof. Dr. Pedro Murara, que está vinculada a linha de pesquisa “Produção do Espaço e Dinâmicas Naturais”.



DICAS DA EQUIPE DE REDAÇÃO

Live: Geografizando Gêneros e Sexualidades

Entidades promovedoras: Dageo UFSM

Data e horário: Segunda-feira, 6 de julho de 2020 das 19:00 as 21:00

Link: em breve será divulgado para transmissão que será no canal do DAGEO no Youtube.



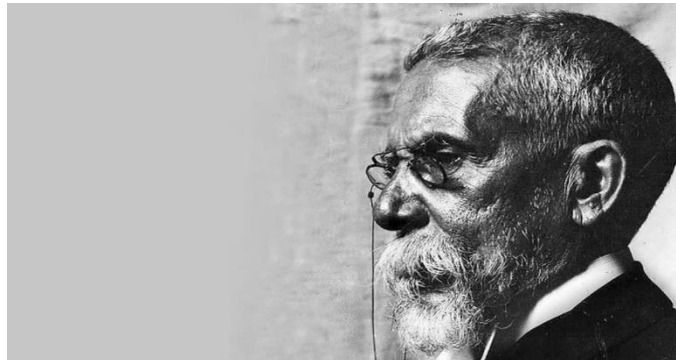
Cursos de qualificação profissional a distância



O IFSC está com inscrições abertas para 890 vagas em cursos de qualificação profissional a distância. Os cursos são ofertados pelo Cerfead, Câmpus Palhoça Bilíngue e Tubarão, porém todas as atividades são feitas de forma on-line.

LINK: <https://www.ifsc.edu.br/noticia/1944379/inscri%C3%A7%C3%B5es-abertas-para-cursos-gratuitos-de-qualifica%C3%A7%C3%A3o-profissional-a-dist%C3%A2ncia>

50º Café literário- Dom Casmurro Machado de Assis



Encontro on-line. Para debater a obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis.

Data: 05 de julho de 2020 (domingo)

Horário: das 15h às 18h

O encontro será realizado pela plataforma Microsoft Teams.

Para participar, acesse o grupo no Telegram:

<https://t.me/joinchat/O3JlxBrOoV2fu0XrnrjvKw>.

Obs: No dia do evento, será disponibilizado o link da reunião no grupo do Telegram.

Vulnerabilidade social em áreas sujeitas a inundações tropicais

Prof. Dr. Raul Reis Amorim (IG-UNICAMP)

Data e hora: 10/07/2020 - 16:00h

Vagas: 120

Inscrições:
sistemas.univasf.edu.br/sge/inscricao

-Haverá emissão de certificado.

-Transmissão via link no e-mail

Realização:



PODCAST SEM FRONTEIRA



O Podcast Sem Fronteira é uma ação de extensão do curso de Geografia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim sem fins lucrativos. Abordando temas geográficos, o Podcast visa contribuir com a divulgação científica da Universidade.

Atualmente, o projeto conta com 5 programas em suas plataformas.

Todas segundas-feiras, são lançados novos episódios em plataformas de áudio, como Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts e Anchor, e também nas redes sociais, como Instagram, Facebook e Twitter podem ser acessadas através link: linktr.ee/psemfronteira.

Acessando as plataformas do Sem Fronteira, você poderá encontrar 5 conteúdos com temáticas como, “Elementos para pensar uma Geografia Antifascista”, “O uso de tecnologias digitais no ensino”, “O que a Geografia tem a dizer sobre o terraplanismo”, e “Extensão Universitária”.

Siga o Sem Fronteira no Instagram: <https://www.instagram.com/psemfronteira/>

COLUNA LIVRE

TEMPOS DE REFLEXÃO

Naísa Cristina Spagnol
naisaspagnol@gmail.com

Acadêmica da 7ª fase do curso de graduação em Geografia, Licenciatura
Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.

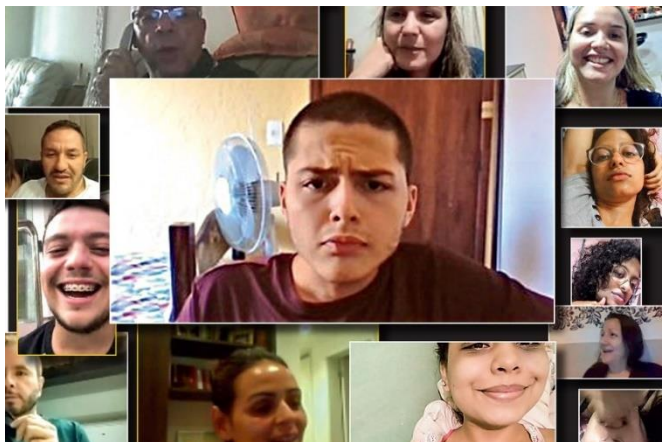
Atualmente vivemos um contexto jamais visto na história da humanidade, algo que não se tenha registros ainda, a maior crise “universal”. O perfil que o coronavírus traçou para a sociedade foi e está sendo bem difícil. Situações desesperadoras, problemas sociais, vulnerabilidade econômica, desemprego, problemas psicológicos entre outros fatores. Porém, sempre e em qualquer situação há a parte boa, que são as oportunidades que o isolamento social trouxe para várias pessoas.

Acreditamos que ainda não seja calculável qual o tamanho da crise instaurada, o que se sabe é que milhares de pessoas estão desempregadas, vários estabelecimentos fechados, pequenos empresários com dificuldade de conseguir manter as portas abertas, sem contar o psicológico abalado. Pois, se nos colocarmos na situação por exemplo, de um pai que tem dois filhos para sustentar e acaba perdendo seu emprego, fica complicado compreender o que se

passa na cabeça daquele homem em momento como este. A mesma situação se aplica no caso de pessoas que perderam alguém da família ou um amigo próximo, vítima do coronavírus. O fato é que mesmo que tenhamos consciência do que significa essa pandemia nas mais diversas situações, jamais sentiremos o peso dela, a não ser que nos atinja diretamente.

Por outro lado, voltando um pouco no tempo, podemos recordar que o dia-a-dia para a maioria da população era de muita correria, mal tínhamos tempo para parar e sentar no sofá com a família, conversar, ou até mesmo passar um tempo sozinho, jantar com calma, enfim, o trabalho e os compromissos sociais tomavam todo o nosso tempo. Com a condição de isolamento que nos foi imposta passamos a perceber o quanto a vida é importante para não ser vivida intensamente, com essa pausa, percebemos o quanto os detalhes da vida são valiosos, os momentos precisam ser

vividos e realizados, o diálogo precisa existir.



A vida virtual ganhou mais espaço neste cenário, percebemos que falar com os nossos iguais nos traz felicidade mesmo que seja a distância. Devemos muito às tecnologias, pois esta ferramenta permite que tenhamos acesso ao mundo lá fora, sem sair da própria cama. Podemos comprar comida, roupas, remédios, enfim, uma infinidade de produtos que facilitam e torna mais prática a vida nesta pandemia.

A educação também sofreu mudanças, a maioria das instituições passou realizar as suas aulas através de plataformas online, o que provocou mudanças na rotina dos pais, que passaram a ser educadores pedagógicos, incentivando os seus filhos e auxiliando neste processo.

Ainda, a partir desta situação atual, vários micros e pequenos negócios começaram a surgir, como forma alternativa de gerar renda para o núcleo familiar. A confecção de máscaras para a venda, a fabricação de comida caseira, lanches, doces e vários outros negócios pensados para a tele entrega.

Por fim, várias situações foram e ainda serão geradas com a pandemia, algumas felizes e outras nem tanto. Por isso é importante refletirmos diante deste cenário, para sairmos “livres”, sem “máscaras”, agindo de forma racional, tentando sempre extrair os aspectos positivos para nos dar anticorpos para sermos mais fortes amanhã e sempre. Afinal, depois da tempestade sempre vem o sol!

Fonte da Imagem:

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fveja.abril.com.br%2Ftecnologia%2Fas-mudancas-nas-relacoes-humanas-por-cao-da-pandemia-de-coronavirus%2F&psig=AOvVaw15ljTk-1Bm4TsDh3VmV6i1&ust=1593217810915000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCNDgl5OdnucCFQAAAAAdAAAAABA>

COLUNA LIVRE

UMA CONVERSA ENTRE DOIS PRETOS

Felipe Brum

felipebrum.assuntosacademicos@gmail.com

Acadêmico do curso de graduação em Letras - Português e Espanhol da UFFS, *Campus* Chapecó -SC.

Secretário da União Nacional de Gays, Lésbicas, Travestis e Transsexuais Fração Chapecó - UNA LGBT Chapecó -SC.

Felipe Martins

felipemartinse10@gmail.com

Graduado em Pedagogia pela Faculdade Unificada de Iúna - Doctum.

Acadêmico do curso de graduação em Ciências Sociais da UFFS, *Campus* Chapecó -SC.

Não se sabe aonde, em que plataforma, se foi presencialmente, email ou via aplicativos de mensagens, mas o que se sabe é que essa conversa aconteceu. Entre dois pretos (se vamos falar de cor, então que se enfatize que a cor é preta!), jovens (ainda não passaram dos cinquenta), brasileiros, que atualmente moram no Sul do país; E por mera coincidência ambos Felipe! Mas para que você, que lê, não se perca em quem é quem: um é Felipe Martins e o outro Felipe Brum.

Relatado o lugar de fala dos jovens, vamos contar à você como foi essa conversa. Porém, antes de tudo, só conversa quem já se conhece muito ou quem está se conhecendo, o caso dos rapazes em questão é mais o primeiro, contudo, para que não fique em minhas palavras direi o que o próprio Felipe M disse quando lembravam sobre:

Separados em comissões para a organização da ocupação, fiquei responsável junto com outras colegas da alimentação, logo chega Felipe, com uma energia incrível, e com um brilho

radiante, que se tornou minha pessoa essencial na vida naquele momento, quem eu podia contar e confiar para o fosse preciso para alimentarmos mais de 100 estudantes por dia, durante 21 dias, com café, almoço e janta.

É engraçado aqui pensar isso, pois além de coincidentemente eles estarem na mesma comissão, comissão essa de alimentação, ou nas palavras de Felipe B: *A cozinha!* Os pretos, jovens, estavam na cozinha. Eles escolheram ir pra lá, mas é curioso pensar como as pessoas pretas carregam em si essa herança do cuidado, de estar em um lugar que sabem que é importante, pois comer deve envolver amor, preparo e dedicação, características que você encontra em quase toda a pessoa preta, porém para entendermos isso teremos que fazer um resgate histórico e uma contextualização social, que passará como pano de fundo dessa narrativa.

Entre uma risada ou outra, Felipe M, com seu característico sorriso largo, começou fazer a conjecturas enquanto

seu amigo lhe ouvia e foi extraído bastante coisa.

Para falar acerca de determinados assuntos, precisamos muitas vezes desfocar das análises internas e voltarmos para compreensões de uma forma mais externa, com uma visão do todo para o entendimento e influências de uma construção de sociedade que abraça a hipocrisia, acorda com desrespeito e dorme com o medo, da perda de seus privilégios. Uma sociedade erguida na representação do homem branco e eurocêntrico de forma universal, reprimindo qualquer outro grupo a ter igualdade de direitos, distanciando cada vez mais a equidade entre pessoas.

E o outro, é claro concordou.

Concordo com o que foi dito, e é digno de introdução de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Foucault adoraria isso. E penso que seja exatamente assim, a construção de sociedade que temos se moldou em cima dessa visão, quer fosse na chacina de indígenas e povos latinos, por parte dos europeus para conquistas de terras, quer fosse no Holocausto, quer fosse na colonização africana, os povos não-brancos sempre fora atacados pelos brancos.

Entre uma xícara ou outra de café, juntos ou não, ninguém sabe, Felipe M, o jovem capixaba, de 28 anos continuou:

Considero de extrema necessidade escrever sobre Antirracismo e o Antifascismo, como creio também que não seja preciso trazer a definição dos termos, racismo e fascismo. Podemos fazer toda uma narrativa histórica e de forma detalhada para que, se assim

algum ouvinte, branco, pois, com tanta firmeza digo que é causador dessa racialização e transformação do negro como inimigo da sociedade, esteja aberto a reflexão, para tentar sentir o quão real, presente e perto está o racismo. Abrir os olhos para tudo que nos cerca não é fácil, mas só assim que podemos ao menos começar a compreender as questão de raça como algo fundamental e atual. Suponho também que todos saibam que a palavra “anti”, ou melhor um prefixo de origem grega que traz uma oposição, um contra ao racismo e ao fascismo, e que todos saibam que os termos fascista e racista são termos pejorativos, adjetivos que são de utilização comum na expressão de opiniões ruins a alguém, falta de apreço e de respeito, usando na sua maioria das vezes uma linguagem ofensiva. Confesso uma profunda tristeza, desta tão forte, necessidade em “tempos tão evoluídos” e, uma grande alegria por viver um levante de resistência unificada.

Esse é aquele momento que a outra pessoa que ouve, no caso Felipe B, e você, indiretamente que lê, e eu, que talvez também tenha ouvido, atentamente, mas não participante da conversa, a prosa dos dois, pensamos: Que pessoa inteligente! Mas acalme-se, é apenas o começo. O que ouvia rebateu:

Afirmo minha concordância com a não necessidade de explicar o que é racismo ou fascismo, quem não souber pode ter como dever de casa, pois as pessoas pretas e antifascistas tiveram que ler e se instrumentalizar para saber o que é, então a quem quiser saber, o Google está aí! Acho, todavia, válido trazer aqui a diferença entre preconceito e racismo, e trago nas palavras de Djamilia Ribeiro,

estudiosa e teórica da pauta racial preta: “Preconceito é todo juízo antecipado que não passa pelo crivo da razão; Racismo é um sistema de opressão, muito mais profundo, que nega direitos, na nossa sociedade branca, de herança escravocrata, à população negra”

Acredito que seja válido diferenciar tais, pois os nomes das coisas precisam ser ditas, preconceito qualquer um pode sofrer, porém, sistemas de opressões estruturais tem nome, tais como: racismo, machismo, misoginia, xenofobia, homofobia etc...

Aquele silêncio de quem fala e acabou de refletir sobre o que falou, e de quem ouve, que está pensando sobre o que o outro disse. É curioso e admirável como a vida tem dessas. Felipe M vem de uma cidadezinha do Interior do Espírito Santo, chamada Ibitirama, ao pé do Pico da Bandeira e agraciada por uma natureza exuberante. E isso é o que ele mesmo fala sobre essa maravilha que nos parece essa cidade. Já o seu amigo, Felipe B, vem do Rio de Janeiro, a famosa cidade maravilhosa, mas que ao eu ver combina mais com a letra de Fernanda de Abreu para a canção Rio 40 graus, que diz: **cidade maravilha purgatório da beleza e do caos**, sempre quis conhecer alguém do Espírito Santo e sempre fiquei pensando que perto desses picos que aparecem nos livros de geografia não existiam nada além de vegetação. Terminado o café eles voltam ao assunto, daquela forma mais comum, num tom de: “mas escuta, sabe aquilo que você ‘tava’ falando...” E o capixaba retoma:

A prática da raça como forma de categorização foi o mecanismo de estruturalização do racismo, fazendo que,

características físicas e culturais fossem tidas como inferiores, sujeitos a descriminalização. A Raça foi utilizada para justificar as diferenças e principalmente a dominação branca, conceito criado diante de um massacre de um povo e da inferiorização por suas características fenotípicas. Podemos trazer para a reflexão que os negros na história brasileira do final do século XIX e em tempos atuais, considerados seres cientes de suas limitações e do controle imposto pelo poder da hierarquia colocando-os abaixo de outros grupos sociais, expondo a ideia de branqueamento natural da sociedade, construindo uma nova nação. Citando o sobre o Brasil, Lilia M. Schwarcz, diz sobre uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que os habitantes autodeclararam 136 cores diferentes, fazendo menção ao Brasil “país das cores e nomes”, podendo atribuir a complexidade da miscigenação no país, categorizando na classificação dos seres humanos, relacionando a características físicas e hereditárias. Engraçado, não é? Como uma tentativa de miscigenação entre os povos pode agraciar um país continental com várias cores e não várias raças.

O carioca ouvinte se levanta, dá meio sorriso sem o outro entender, pega um café e volta com uma cara de quem foi baleado e ao mesmo tempo de quem pediu para ser baleado pra acabar com uma dor que a muito sentia.

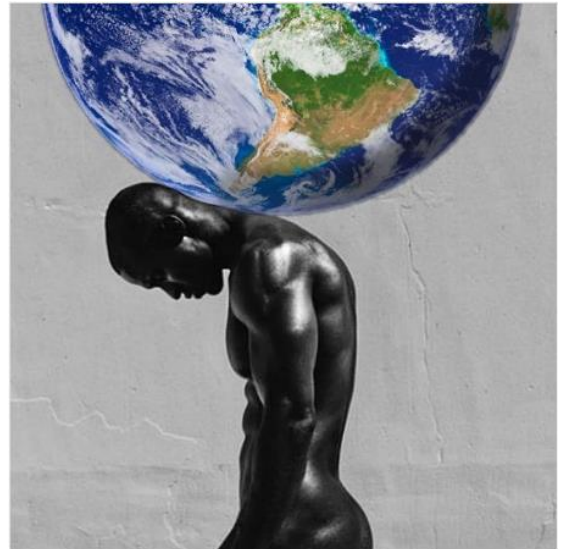
É realmente muito enraçado, porém de um certo modo aquele riso triste que cai a lágrima nos olhos, acredito que isso aconteça devido ao fato

*de: No Brasil, apenas as raças preta e indígena serem consideradas raças. Branco não pensa em raça, porque eles são o padrão dessa sociedade, assim como eles acham errado dizerem que a nossa cor é preta, o Brasil ainda carrega marcas indelévels do processo de violência, sequestro, morte, escravização, tortura, vilipêndio que resumidamente os livros chamam de escravidão. Makota Valdina diz: **Não descendo de escravos, descendo de seres humanos que foram escravizados.** E não suficiente, descendo de reis e rainhas do Congo, do Zaire, da Guiné, do Benin...*

Os peitos de Felipe B inflam e suas narinas despejam o pesado ar do que ele tem vontade de gritar ao mundo, e o amigo que o olha, parece conseguir entender tudo que ele pensa e dizer: calma, vai ficar tudo bem. E Felipe M diz:

Ignorar uma herança racial e todo contexto histórico, atrapalha toda uma relação entre negros e brancos. Fazer com que entendamos que não só as vidas negras importam e sim todas, não é uma tarefa fácil, estar diante da história e pensar sobre ela torna-se uma das várias formas de evitar a vivência do passado nos dias que virão. Conseguir refletir acerca da história, é fortemente perceber uma elite estabelecer que pessoas com outro tom de pele, não sejam seres humanos, não os tratando como, maquiando uma falsa liberdade, não promovendo a valorização, acesso e condições de trabalho para as pessoas de cor. A liberdade nunca existiu, continuamos com as sobras de um país que nossos ancestrais ergueram, quais ousarei em dizer raptados, trazidos para não serem cidadãos, nem tampouco

desfrutar da liberdade e dos direitos que tantos vem a falar, mas que predominantemente são voltadas para as pessoas com tons mais claros de pele, fazendo os negros de mercadoria, um negócio imposto e bem barato.



Fonte:

https://www.instagram.com/p/CBly6HaAAm9/?utm_source=ig_web_copy_link

O outro bebe um gole de sua bebida quente, segura a caneca num intuito de aquecer as mãos e complementa:

Exatamente, uma fala da Djamilia Ribeiro diz que: os branco acham que seus direitos são naturais, fixados e que não foi construído da base de opressão de um outro grupo. Nos deparamos então com a questão, todo branco que vive hoje é culpa dos processos racistas do passado? Não! Mas é fundamental saber que todo branco que vive hoje se beneficia dele, queira ou não, e todo não-branco sofre por conta desse mesmo processo. Entrando nesse ponto a questão da necessidade de ser antirracista! Muitos dizem que esse separatismo vem da parte dos não-brancos, e é válido ressaltar que não somos todos iguais, pelo menos não enquanto, a grosso modo, alguém olhar pra Copacabana, Leblon, Ipanema,

Jardins e 90% do bairro for branco e olhar pra qualquer morro ou favela e 90% for não-branco.

Esse é o momento que a conversa fica animada e calorosa, onde o diálogo vira teatro, um fazendo a deixa para o outro, parecendo um roteiro, muito bem construído, ensaiado e interpretado, porém não é, a igualdade que existe é que em ambas as pessoas falam com a alma. E o que nasceu no Espírito Santo continua:

Como se a vida do negro não importasse, rapidamente controladas por políticas raciais e sociais falhas, a desigualdade, decorrente das questões de raça estão de forma direta associada com os níveis de violência contra pessoas negras e também a qualquer outro grupo, negros e outros grupos sociais se manifestam contra a discriminação racial, com uma luta permanente. Por tempos, há um condicionamento a categorização de pessoas baseadas nos traços físicos, pela cor da pele, pela textura do cabelo etc. A “questão racial” é a causa de muitas discussões, significando enfrentar sua “Identidade” a partir das particularidades de seus contextos... O que muitas vezes não se percebe, é como essa prática de racialização produzida ao pensar em brancos e negros, compromete a democracia, garantia das políticas públicas, economia, educação, segurança, causando efeitos danosos no futuro da humanidade. O racismo é uma estrutura social acompanhada do negacionismo, nega-se a existência do racismo, mas diariamente atuam contras pessoas de cor e suas políticas afirmativas, que são meios de reparação histórica de um povo que chegou nesse país sem direitos e que

ainda continuam sem, expondo as desigualdades raciais e sociais de forma tão explícita, cruel e covarde. Digo, na certeza, de experiência de vida que branco alguém entende ou possa estar perto de entender os desafios de que é ser negro no Brasil.

Dessa vez é o capixaba que levanta para pegar alguma coisa, não se sabe se na cozinha de casa, num buffet de uma palestra, no balcão de uma cafeteria, mas ele volta com um pratinho, põe ao centro da mesa, com seu jeito cortês e generoso, e Felipe B faz a fala:

O racismo tem raízes profundas e quando se diz que é estrutural é porque está na estrutura da sociedade, vamos criar hipoteticamente o dia de uma pessoa não-branca: ela acorda, numa casa simples, morando num bairro pobre, ela tem que se arrumar rapidamente para pegar o ônibus, mas da tempo de ver brevemente o jornal matinal, quem apresenta é uma pessoa branca, quem faz a reportagem é uma pessoa branca, mas a vítima ou o preso por delito é não-branco, o ônibus está cheio de pessoas não-brancas também, no caminho ela vê anúncios propagandas e outdoors, todos com pessoas brancas estampadas, no trabalho, os cargos mais elevados são com pessoa brancas, mas seus semelhantes estão em posições subalternas, indo almoçar ela vê a vendedora, o rapaz do lixo, a babá, e até servente, a maioria não-branca, mas os engravatados, as secretárias, os professores universitários que dividem o ambiente com essa pessoa, são brancos, ela é minoria ali, os clientes que ela atende são brancos, ela sai do trabalho e vai pra universidade onde a maioria é

branca, aqueles que tem carro mais ainda, ela tem sorte de ter um ou dois professores pretos, mas a maioria do colegiado é branco, ela volta pra casa, sozinha, e deita na cama sozinha, vivenciando a solidão da pessoa preta, e no dia seguinte se inicia mais um dia...

Felipe B, tem 22 anos, é escritor, o que sempre leva ele e o amigo terem longas conversas sobre o tema, uma admiração mútua, um romancista e um escritor de artigos, inspirado pelas palavras do amigo Felipe M dispara:

Sendo o racismo estrutural, o que se pode fazer para não sermos pisoteados por ele? A necessidade de levantar esses questionamentos se mostrou alta. As formas de se resistir a institucionalidade são muitas, os desprivilegiados acham sempre uma forma de sobreviver. A conscientização e reeducação política, estabelece um espaço para o diálogo franco e aberto de toda uma conjuntura de desigualdade e violência produzida pelo racismo. A luta antirracista é fundamental para o desenvolvimento econômico e a garantia de igualdade social, pessoas negras estão pedindo humanização, não criminalização. Há uma necessidade de se reorganizar como nação, um só povo, uma só raça, a de seres humanos, não tolerando o que é intolerável e aceitando a emergência do debate, na esperança de apontar caminhos para soluções efetivas, urgentes e imediatistas.

O amigo apenas pede para que ele continue.

O “Ser” antirracista e antifascista, é o simples ato de compreender toda a diferença,

de entender que as pessoas não se definem pela cor da sua pele, que a marginalização, objetificação e exploração dos negros são cotidianas. É ser contra toda uma violência impregnada em discursos de incitação ao ódio, as perseguições, desrespeito às pessoas e a todo o princípio de dignidade humana. Significa ir de contra a alienação, perceber que somente uma educação que ultrapasse as barreiras conteudistas, social, transformadora, crítica e reflexiva da sociedade, constroem cidadãos, em suas várias formas de expressão humana e democrática.

Esse é o momento da conversa que um vira pro outro e diz: “aí é que tá” e depois dão risadas, pois é exatamente isso! O carioca complementa:

Ser antirracista pode estar em ações muito pontuais, mas que mudam muito as coisas: Abrir a boca pra falar sobre isso, pois brancos costumam ouvir outros brancos; Corrigir alguém que estiver sendo racista ou pelo menos declarar seu posicionamento como discordante da fala dele; Seguir perfis de pessoas não-brancas, e isso inclui indígenas; Entender que pessoas não-brancas não são pedagogas de pessoas brancas e nem diarista pra ficar limpando as coisas que os brancos destroem e fazem por aí; Consumir cultura não-branca, como: filmes, arte, música, teatro, dança; E conversar com pessoas não-brancas, mas sem sequestrar o debate, se colocando no lugar de ouvinte.

Felipe M finaliza de ótima forma quando diz:

A simples reprodução de parâmetros da normalidade, traz consigo a falta de empatia, o preconceito e discriminação entre as pessoas. A luta não é de agora, e nem vai acabar por agora, é algo que perpassa por gerações, gerações de corpos marcados e perdidos por um sistema feito de brancos, para os brancos.

Percebi quase no fim da conversa que foi justamente por meio da “luta” que esses dois se conheceram, e relembrando Felipe M diz:

No ano de 2019, consegui uma vaga na universidade federal, a qual tanto me esforcei, e o primeiro de família a conseguir entrar em uma universidade federal e com orgulho de representá-los e de saber o quanto estão felizes e me apoiando a estar nessa nova caminhada. E logo no primeiro semestre, lembro-me da primeira vez que vi o Fe, estava frio e eu esperando o ônibus no ponto da universidade sozinho, e ele veio descendo com seus bombons e que já haviam me recomendado, mas não tinha dinheiro, então, fiquei só com vontade (risos).

Os olhos do amigo marejam, mas ele não deixa o outro ver, porque se o outro perguntasse ele não mentiria e não sabia dizer se emocionou-se por ser se imaginar de fora da situação com o isopor cheio de bombons que fazia a duras penas ou pelo amigo, que não podia comprar, não por ele não ter dinheiro, mas por saber que já se viu daquela forma muitas vezes, querendo comprar algo para comer, ajudar alguém, mas não podendo se dar esse “luxo”, vidas pretas.

Algum tempo depois, iniciamos um processo de ocupação da Reitoria, onde me aproximei de verdade dele, pude conhecê-lo e experienciar momentos incríveis com ele. Com toda calma ele conseguia me acalmar várias vezes, me fazia rir muito e também me deixava sempre desconcertado, com suas indiretas diretas e suas casquinhas que ia tirando (risos). Só tenho a agradecer por ter conhecido essa pessoa, um presente tão incrível, um guerreiro que me ensinou muito e que sempre compartilha sua graciosa saberia.

Felipe B sorri e rebate:

Eu já via o Felipe há muito tempo pelo Facebook, mas não sabia quem era e minha mãe me ensinou a não falar com estranhos (risos), só fui de verdade conhecer ele na ocupação, cheguei e ele estava tremendo de frio, trabalhando demais como sempre, desenvolvemos uma relação muito amigável e de confiança, onde um acreditava que estava tudo bem se o outro estivesse lá, onde as conversas iam por horas a fio, com sua toquinha preta e seu sorriso ele era aquele irmão mais velho que trabalha fora, mas ajuda a mãe na cozinha quando chega, e que no passar dos anos vimos que era mais nosso pai do que nosso próprio pai, sempre preocupado com a alimentação de todos, e tínhamos que implorar pra ele parar, me ensinou a cada dia, no pouco falar e muito fazer eu tive verdadeiras receitas de vida, e tenho orgulho de chama-lo de amigo!

Entre um riso e outro, não sei como chegaram a isso, o capixaba compartilha um pouco mais de sua história com seu amigo Felipe B. dizendo o seguinte:

Eu tenho que confessar que não sou muito fã do meu nome, então comumente me apresento como Felipe Martins. Venho de uma família simples, uma mistura capixaba/mineira. Com uma família branca por parte de pai e outra negra por parte de minha mãe, confesso que minha criação foi de acordo com os preceitos da parte branca da família, e que nunca achava estranho não querer ir a casa de meus avós maternos por ser “diferente” dos meus outros avós, o que eles podiam me proporcionar. Fui criado para ser branco e assim aceitava minha condição e não vinha nenhum esforço por outra parte para me fazer sentir parte da vida de sua família preta que também era minha. Uma mulher de família negra, com mais 9 irmãos.

Esses ensinamentos branco não duraram muito, chegar ao ensino médio, onde uma fase de desamparo familiar estava já acontecendo, de casa em casa, morando com um e com outro, percebendo que todo o caminho traçado para você pelos seus pais, não fazia sentido algum, você passa a refletir de fato quem você é, e qual grupo você pertence é aceito sem nenhum medo de ter a cor diferente, de ser completamente diferente daqueles que diziam somente ser sua família. Que no fundo sempre era tratado diferente, onde usavam minhas características fenotípicas numa tentativa de me inferiorizar e às vezes até de me ridicularizar pelos meus traços negros, como fosse feio algo assim. Crescer com uma família branca e sempre ser lembrado de suas raízes de forma inferiorizada me ajudou de fato buscar a entender quem eu era, em meio a todo esse caos de distinção de raças. Não foi fácil, mas o necessário para eu

afirmar cada dia mais que minha cor não me faz diferente de ninguém e que tenho orgulha de minha família preta.

E depois o outro se apresenta:

No momento estou Felipe Brum, sendo gênero fluído, nunca sabemos se mudaremos ou não, né? Sou carioca e um menino muito altivo, que tem a estranha mania de ter fé na vida, filho da falecida Dona Elaine, vitimada por um câncer, porque mulher preta sempre tem uma história difícil, mas eu sigo carregando os sapatos dela, então onde eu chegar ela chegou também... Irmão mais velho, somos quatro meninos, família preta por parte de mãe e de pai, mas a cultura do embranquecimento faz eles não saberem, por vezes que são pretos, e pior, fez minhas ancestrais casarem-se com brancos, “clareando” a família...

É verdade, a gente tem disso, quando a gente chega, todo mundo chegou junto! Eu me dizia uma pessoa preta privilegiada, mas aprendi que não é privilégio você poder exercer seus direitos quanto pessoas preta: fiz ballet, fui inúmeras vezes ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, visitei museus, saí do país, andei de avião, estudei e colégio particular, e é por isso que precisamos empoderar uma pessoa preta, pois uma, apenas uma é capaz de mudar a realidade de todos os seus, meu bisavô foi do exército, minha avó estudou e formou, professora, meus pais e tios estudaram, minha avó custeou meus estudos e de meus primos, hoje eu estou numa federal, precisamos equiparar a realidade das pessoas pretas e das não-pretas.

MATÉRIA DA EQUIPE DE REDAÇÃO

DA REJEIÇÃO A UM POSSÍVEL INQUÉRITO: QUANTO TEMPO AGUENTA RECKTENVALD?

Não é nenhuma novidade que Marcelo Recktenvald (3º lugar), o atual reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com *campis* nos três estados do Sul do país é rejeitado veementemente pela comunidade acadêmica. O que mudou é que agora Recktenvald possui um pedido de investigação em curso no Supremo Tribunal Federal (STF) no Inquérito das Fake News, e isto serve como mais um motivo para que a comunidade universitária busque a suspensão do decreto que o nomeia como reitor, ou a destituição do cargo.

Mas para que possamos compreender como tweets do atual reitor podem se tornar provas em uma investigação de Fake News na Suprema Corte, que envolve até a líder terrorista Sara Winter, é preciso compreender o contexto em que o 3º colocado da lista tríplice assumiu a reitoria da UFFS.

A USURPADORA?



Foto: Bruno Pace Dori/Diário do Iguacú

A forma como o cargo dos dirigentes das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas federais é ocupado é determinada pela [LEI Nº 9.192, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1995](#), que orienta que o órgão colegiado máximo da Instituição de Ensino Superior (IES), composto por membros de todos os segmentos da comunidade universitária, sendo que ao menos 70% dos membros devem ser pertencentes ao corpo docente da instituição, crie uma lista tríplice, a qual será encaminhada ao Presidente da República, que escolherá, dentre os nomes, quem irá ocupar o cargo (no caso da UFFS, este órgão colegiado é o Conselho Universitário - CONSUNI).

Foi de acordo com essa legislação que, em 2018, O CONSUNI nomeou os integrantes, por meio da [Resolução nº 16/CONSUNI/UFFS/2018](#), da Comissão Geral da Consulta Prévia e Informal à Comunidade Universitária (CGCP), para regulamentar e organizar os processos de candidatura, campanha e votação aos cargos de Reitor, Vice-reitor, e Diretor de Campus.

Para os cargos de Reitor e Vice-reitor, 4 chapas se inscreveram ([EDITAL Nº 10/CGCP/UFFS/2019](#)), sendo:

Chapa 1

Reitor Gracialino da Silva Dias
Vice-Reitora Gisele Louro Peres

Chapa 2

Reitor Anderson André Genro Alves Ribeiro

Vice-Reitora Lísia Regina Ferreira

Chapa 3

Reitor Antônio Inácio Andrioli

Vice-Reitora Adriana Remião

Chapa 4

Reitor Marcelo Recktenvald

Vice-Reitor Gismael Francisco Perin

O processo de consulta prévia, ao contrário do que muitos pensam, não se trata de uma “eleição”, mas como o próprio nome aponta, é uma consulta informal à comunidade universitária, esta que compreende Comunidade Regional, Corpo Docente, Corpo Discente e Técnicos Administrativos. A lista tríplice, como já mencionado, é criada pelo CONSUNI, e o resultado obtido com esta consulta serve como um direcionamento para a decisão do órgão colegiado na composição da lista, e visa tornar o processo de escolha dos dirigentes da instituição mais transparente, democrático e considerando a opinião de toda a comunidade acadêmica, que vivencia o dia a dia da instituição.

Ao todo, contando do período da candidatura, campanhas e votação em 1º e 2º turno, o processo da consulta durou, aproximadamente, três meses, de março a junho de 2019.

No 1º turno, o resultado levou a Chapa 3 (Antônio Inácio Andrioli e Adriana Remião), com 33,50%, e a Chapa 2 (André Genro Alves Ribeiro e Lísia Regina Ferreira), com 27,10% ([EDITAL Nº 22/CGCP/UFFS/2019](#)), a concorrerem em um segundo turno da consulta, que resultou com a escolha da Chapa de Anderson Ribeiro e Lísia Ferreira, com

54,1% dos votos, para ocuparem o cargo de reitor e vice-reitora da UFFS ([EDITAL Nº 27/CGCP/UFFS/2019](#)).

Marcelo Recktenvald e Gismael Perin obtiveram no 1º turno da consulta (já que sequer disputaram o segundo) 21,40% dos votos, ficando na 3ª colocação da Consulta Prévia Informal ([EDITAL Nº 22/CGCP/UFFS/2019](#)).

Com os resultados da Consulta Prévia e três chapas inscritas para a disputa de votos dos conselheiros (Chapas 2, 3 e 4), o CONSUNI se reuniu no dia 24 de junho de 2019 para a composição da lista tríplice. Os conselheiros universitários decidiram pela indicação das 3 chapas à lista, tendo como resultado da votação ([ATA Nº9/CONSUNI/UFFS/2019](#)):

1º - Anderson André Genro Alves Ribeiro e Lísia Regina Ferreira, com 26 votos;

2º - Antônio Inácio Andrioli e Adriana Remião Luzardo, com 19 votos;

3º - Marcelo Recktenvald e Gismael Francisco Perin, com 4 votos.

Após criada, a lista tríplice foi encaminhada ao Ministério da Educação. O prazo para a decisão do Governo Federal se encerrava no dia 30 de agosto de 2019, e a comunidade universitária aguardava confiante que o resultado da consulta prévia e da votação no CONSUNI seria respeitado, já que isto era uma tradição de governos anteriores.

Foi na surdina da madrugada do dia 29 de agosto de 2019, que o Presidente Jair Messias Bolsonaro publicou, por meio de [Decreto no Diário](#)

Oficial da União, a nomeação do terceiro colocado na lista tríplice, Marcelo Recktenvald e seu vice, para a reitoria da UFFS.

A revolta e indignação por parte da comunidade universitária foi um reflexo automático ainda na madrugada, logo após a publicação, que culminou no início de uma articulação, por meio das redes sociais, contra a nomeação.

Assembleia estudantil do *Campus* Chapecó da UFFS que deflagrou a ocupação da reitoria



Fonte: <https://anarquismopr.org/tag/educacao-publica/>

Na noite do dia 30 de agosto de 2020, os estudantes do *Campus* Chapecó se reuniram em assembleia geral dos estudantes, convocada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), para iniciar o debate sobre quais as ações do corpo discente do *Campus* frente ao decreto. Após muitos debates e manifestações, os estudantes decidiram por ocupar o prédio da reitoria, no centro de Chapecó - SC, e esta ocupação iniciou logo após a deliberação dos estudantes na mesma noite. No mesmo dia os estudantes do *Campus* Cerro Largo deliberaram pela ocupação do *Campus*.

Estudantes ocupando o Bloco A do *Campus* Cerro Largo da UFFS.



Foto: [Luiz Henrique Franqui](#)

A RESISTÊNCIA

Estudantes de vários Campi da UFFS se juntaram na ocupação da reitoria, que permaneceu no prédio por 20 dias. Conforme divulgado em diversos meios de comunicação, o Movimento Ocupa UFFS seguiu um modelo de organização horizontalizado, sem a predominância de lideranças. O *Campus* Cerro Largo permaneceu ocupado por 3 dias e foi desocupado após negociações com a Direção de *Campus*. Os estudantes reivindicavam a renúncia de Recktenvald e Perin e o reconhecimento do resultado da decisão da comunidade universitária e do CONSUNI.

A situação foi judicializada a partir do dia 05 de setembro de 2019, quando a Equipe de Transição da Reitoria, designada pela [Portaria 1012/GR/UFFS/2019](#), protocolou o pedido de reintegração de posse do prédio ocupado. O pedido de reintegração forçada de posse foi negado, e a partir de então, iniciou-se o processo de conciliação. No dia 18 de setembro de 2019 ([ATA Nº 13/CONSUNI/UFFS/2019](#)), o CONSUNI reuniu-se em sessão extraordinária para debater sobre as condições enviadas pelos estudantes do

Movimento Ocupa UFFS, para a desocupação, uma vez que estes não reconheciam Recktenvald como uma figura de autoridade legítima da instituição.

Ocupação do prédio da Reitoria da UFFS, no centro de Chapecó



Fonte: <https://www.portalmi.com.br/noticia/107127/justica-federal-designa-audiencia-de-conciliacao-com-os-estudantes-que-ocupam-o-predio-da-reitoria-da-uffs>

Os manifestantes reivindicaram do CONSUNI como condições para a desocupação:

- Convocação de sessão especial do Conselho Universitário para deliberação do pedido de recomendação da destituição de Marcelo Recktenvald do cargo de reitor, a qual deverá ocorrer até a data limite de 30 de setembro de 2019;
- Convocação de assembleia da comunidade acadêmica para, em caráter consultivo, se manifestar sobre a proposta de destituição de Marcelo Recktenvald do cargo de reitor, a qual deverá ocorrer antes da sessão mencionada no item 1;
- Convocação de sessão especial do Conselho Universitário para deliberação da não adesão da UFFS ao programa Future-se, a qual deverá ocorrer até a data limite de 30 de setembro de 2019;

- Convocação de assembleia da comunidade acadêmica para, em caráter consultivo, se manifestar sobre a não adesão da UFFS ao programa Future-se, a qual deverá ocorrer antes da sessão mencionada no item 1;
- Compromisso do Conselho Universitário de não haver prejuízos disciplinares e acadêmicos aos estudantes e aos servidores devido ao envolvimento em manifestações

As reivindicações foram debatidas e todas foram aprovadas pelo CONSUNI na [DECISÃO Nº 16/CONSUNI/UFFS/2019](#), resultando na desocupação do prédio no dia 18 de setembro de 2019.

Deste momento em diante, a luta da comunidade universitária passou a se dar com armas institucionais, tanto nos órgãos colegiados da instituição, como na justiça.

Conforme aprovado pelo CONSUNI, nos dias 25 e 26 de setembro de 2019, os *Campi* da UFFS organizaram uma assembleia consultiva à comunidade universitária sobre o posicionamento desta quanto ao envio do pedido de destituição de Marcelo Recktenvald à presidência da república. No total, 1733 pessoas se posicionaram com o voto e [94,22%](#) dos votos válidos apontaram que a comunidade da UFFS queria que a proposta de destituição fosse enviada a Bolsonaro, reafirmando o posicionamento da comunidade desde a consulta prévia informal. Somente [4,39% foram contrários](#), [1,09% Abstenções](#), [0,40% Nulos](#) e [0,23% Em branco](#).

Comunidade universitária se manifesta rejeitando Recktenvald



Foto: Sinduffs/Sintae

Com o resultado da consulta prévia, o CONSUNI se reuniu para decidir sobre o pedido de destituição. A matéria acabou na justiça por uma questão de interpretação regimental. A questão é que o resultado da votação, com 35 votos favoráveis, 12 contrários e 2 abstenções ([ATA Nº 19/CONSUNI/UFFS/2019](#)), sobre o envio da proposta de destituição, aponta que a maioria dos conselheiros, acreditam assim como a comunidade universitária, que Recktenvald e Gismael devem ser destituídos.

Entretanto, surge o impasse da quantidade de votos necessária para a aprovação da pauta, de modo que Recktenvald afirma que a quantidade mínima não foi atingida e que os conselheiros estariam tendo uma interpretação errônea do regimento. Já os conselheiros apontam que a quantidade mínima foi atingida, e que o pedido deve ser encaminhado ao Governo Federal. A questão segue na justiça aguardando resolução.

O ponto é que mesmo após tamanha rejeição de todos os segmentos da comunidade universitária, e com muito pouco apoio dentro da instituição, Recktenvald segue no cargo como reitor da UFFS, enfrentando a resistência de seus pares, que agora encontram possíveis motivações judiciais para questionar sua permanência no cargo.

DA REJEIÇÃO UNIVERSITÁRIA À POSSÍVEL INVESTIGAÇÃO NO STF

No dia 23 de junho de 2020, o Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), o Ministro Dias Toffoli, encaminhou ao Ministro Relator do inquérito das fake news, Alexandre de Moraes, um pedido de investigação contra Marcelo Recktenvald pelo [Inquérito 4781](#), do qual, de acordo com o [site do STF](#) o “objeto é a investigação de notícias fraudulentas (fake news), falsas comunicações de crimes, denúncias caluniosas, ameaças e demais infrações revestidas de *animus caluniandi*, *diffamandi* ou *injuriandi*, que atingem a honorabilidade e a segurança do Supremo Tribunal Federal e de seus membros; e a verificação da existência de esquemas de financiamento e divulgação em massa nas redes sociais, com o intuito de lesar ou expor a perigo de lesão a independência do Poder Judiciário e ao Estado de Direito.”

O pedido de investigação resulta de uma [notificação](#) protocolada pela Seção Sindical dos Docentes da UFFS (SINDUFFS) no STF, devido a posts realizados pelo reitor em uma de suas

redes sociais. Caso aceita, a investigação buscará responder, entre outras coisas, se, por meio de tweets, Recktenvald teria atentado contra a honra de Ministros do STF, do Presidente da Câmara, e do atual Governador do Estado do Rio de Janeiro, e se também atentou contra as instituições democráticas brasileiras.

Reprodução de Tweets do atual reitor da UFFS



[Fonte: Reprodução da internet.](#)

Neste mesmo inquérito são investigadas figuras como a Coordenadora do grupo terrorista denominado “300 do Brasil”, Sara Winter, o Blogueiro Alan dos Santos e o grande empresário, com dívida pública parcelada em 115 anos, Luciano Hang.

Investigada pelo STF, Sara Winter



[Fonte: Reprodução da internet.](#)

CONCLUSÕES...OU NÃO

Caso o pedido de investigação seja aceito, Marcelo passará a ser investigado por um inquérito que busca a seguinte resposta: *Existe um grupo organizado e articulado, politicamente e financeiramente, que busca a disseminação de notícias falsas, injuriosas, difamatórias e caluniosas, contra autoridades de Estado e Instituições democráticas da república?*

A resposta a esta pergunta, talvez, poderá nos levar a outra, pois se existe, *quem ganha e quem perde o que com isto?*

Muitos dos Tweets de Recktenvald, que agora podem passar a ter valor de prova, foram apagados de suas redes sociais, embora isto não carregue mais relevância judicial, pois obviamente a justiça já possui diversos prints, como os que acompanham esta matéria.

A quantidade de postagens direcionadas a autoridades públicas parece ter se igualado ao percentual de apoio do reitor na instituição, com algo próximo a zero. Ao que tudo indica, a postura do reitor pode ter sofrido

algumas alterações desde o período de ocupação e embates no CONSUNI, quando o reitor aparentava uma maior ferocidade no confronto. O poder dos ministros do STF talvez não seja mais tão pequeno a ponto de se resolver com um cabo e um soldado e merece o respeito esperado do atual reitor.

As manifestações contrárias ao reitor não têm trégua nem mesmo em meio à pandemia, isto pois, no último dia 27 de junho, foi realizada uma manifestação no centro da cidade de Chapecó, em um ato pacífico Antifascista, Antirracista e pela Democracia, na qual se destaca uma faixa com os dizeres “Marcelo, Interventor de Fascista, Fascista é”, além de tantas outras com a frase “Fora Marcelo”, e das quais ele aparentou ter se orgulhado, vendo-as erguidas ao lado das com os mesmos dizeres a Bolsonaro, por meio de seu twitter.



Fonte: <https://www.facebook.com/SINDUFFS/posts/3290787564276046>

Assim como seu ídolo, Recktenvald costuma utilizar-se do Twitter para se manifestar politicamente, e isto não está sendo questionado pela Suprema Corte. A questão que leva Recktenvald aos holofotes dos ministros do STF é a suposta utilização das redes sociais para disseminar mentiras e atacar a honra de personalidades que conseguiram, ao menos, ser eleitas.

Até quando Recktenvald aguenta? Talvez a resposta venha de outro Palácio do Planalto.



Fonte: <https://amanha.com.br/justica/reducao-de-salarios-deve-passar-por-sindicatos-afirma-ministro-do-stf>